



A maioria dos estudantes chegou ao local de provas antes da abertura dos portões, para evitar contratempos de última hora e perder o exame

Abstenção recorde

» ROBERTA MACHADO
» DIEGO DE ABREU

O Distrito Federal foi a unidade da Federação com o maior índice de abstenção no primeiro dia do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Dos 74.624 estudantes inscritos, 31,24% não compareceram, segundo balanço divulgado na noite de ontem pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), responsável pela organização das provas. A média nacional foi de 25,29%.

Debaixo de chuva e sob uma temperatura que chegou a 14,6°C, os candidatos compareceram agasalhados e se apressaram para se abrigar dentro das salas de prova. Ontem os candidatos tiveram 4h30 para testar os conhecimentos em história, geografia, filosofia, sociologia, química, física e biologia. Hoje eles prestam exames de matemática, linguagens e códigos e redação, das 13h às 18h30. Em todo o país, mais de 5 milhões de candidatos se inscreveram para a **prova**, que transcorreu com poucos incidentes.

Os estacionamentos dos colégios onde o exame foi aplicado tiveram um fluxo constante, mas a procura por vagas não causou maiores transtornos no trânsito.



Leia mais sobre educação no site
www.correiobraziliense.com.br/euestudante

Vantagens

Além de possibilitar a conquista de vagas em várias instituições federais, o exame certifica a conclusão do ensino médio para os participantes maiores de 18 anos.

Grande parte dos estudantes optou pelo transporte público para chegar aos 176 locais de prova em todas as regiões administrativas do DF. Eliene Servolo Alves, 17 anos, teve de sair de casa às 9h para chegar à Asa Norte a tempo da prova. Moradora do Residencial São Francisco, próximo a Santo Antônio do Descoberto (GO), ela enfrentou 1h30 de viagem de ônibus na manhã de ontem.

A maioria dos alunos chegou aos locais designados com antecedência. Às 11h30 alguns candidatos já aguardavam em frente ao Centro de Ensino da Asa Norte (Cean), na 606 Norte. Quando os portões do colégio Paulo Freire, na 610 Norte, abriram ao meio-dia, dezenas de alunos esperavam para entrar. O estudante do primeiro semestre de arquitetura do Centro Universitário de Brasília

(Ceub) Thiago Toledo, de 19 anos, se adiantou e chegou confiante ao local de prova. Ele pretende tirar uma boa nota no Enem para conseguir uma bolsa do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) para continuar os estudos. “Se eu tirar uma nota boa penso até em ingressar em uma universidade pública”, afirmou.

Em alguns colégios, porém, houve alunos que perderam a prova por falta de preparo ou por atraso. No Centro Educacional Elefante Branco, os portões foram fechados às 13h02, e um candidato que chegou três minutos depois nem tentou entrar e saiu desolado do local. Gabriel Henrique, 17 anos, morador do Sudoeste, teve de voltar para casa sem fazer a prova. Ele esqueceu a identidade em casa e foi barrado na entrada da sala de exame. “Cheguei uns 10 minutos antes das 13h, dava tempo”, afirmou.

Giliard Soares, 22 anos, morador do Varjão, ia fazer o Enem pela terceira vez. Ele esperava conseguir uma bolsa integral pelo Prouni para a faculdade particular em que estuda. Mas, como ele só chegou ao colégio Gisno, na

907 Norte, às 13h10, não passou do portão de entrada. “Fiquei muito triste, podia ter ao menos 15 minutos de tolerância. Estudei a vida toda em escola pública, esse era um direito meu que está sendo violado”, reclamou o universitário. Segundo ele, a espera de uma hora na parada por um ônibus foi a responsável pelo atraso.

Prêmios

Diferente de provas como o vestibular da Universidade de Brasília (UnB), os candidatos do Enem não demonstravam o nervosismo típico das grandes avaliações. Muitos estudantes estavam tranquilos, como Raíssa Lima, 17 anos, moradora do Lago Norte, que confessou ter se inscrito devido à insistência da mãe. O foco dela será o Programa de Avaliação Seriada (PAS) ou o vestibular tradicional da UnB. “Meu objetivo é passar na UnB para ciências sociais”, justificou. Juliana Maciel, 17 anos, moradora da Asa Sul, também fez o Enem apenas como teste para o vestibular. “Acho que é por influência da escola, em Brasília o Enem não é muito útil”, avaliou. Ela estuda em uma escola particular que, para convencer os alunos a prestar o exame, ofereceu tablets para os 20 primeiros colocados.